

O mundo atual não é uma “aldeia global”¹

Jakson Ferreira de Alencar²

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP

Resumo

O influxo de metáforas usadas para falar de “globalização” revela um objeto fugidio, dificuldade de dados empíricos e tendência a abstrações. São muitos os autores que chamam a atenção para a dose elevada de imaginação, mitos e exageros em torno do tema. O artigo trabalha com a matriz de todas as metáforas a respeito, a “aldeia global” de McLuhan. O autor não escreveu a respeito com pretensões de rigor acadêmico e empírico. Embora se cite tanto a metáfora e se considere já consumada, pouco se conhece o conteúdo por trás dela e suas perspectivas não realizadas. Com base no próprio livro *Global Village* de McLuhan e Powers e em autores atuais, o artigo, fruto de pesquisa de doutorado, questiona perspectivas de base da metáfora, discordando que a realidade atual, com toda a sua complexidade, seja de fato uma “aldeia global”.

Palavras-chave: “aldeia global”; complexidade; desglobalização; McLuhan; diversidade cultural.

Introdução

Geralmente se recorre muito a metáforas para tratar de globalização. A literatura a respeito tem uma profusão delas: “aldeia global”, “fábrica global”, “terra-pátria”, “*shopping center* global”, “sistema-mundo”, “Disneylândia global”, “mundo sem fronteiras” e outras mais (Cf. IANNI, 1997, p.13-18). Esse influxo de metáforas revela um objeto fugidio ao horizonte concreto das ciências; dificuldade de dados empíricos e tendência a abstrações. A realidade do mundo é bem mais complexa do que o sugerido por tais metáforas. Quando se parte para dados empíricos, se observa isso claramente. Em *Mundo 3.0*, Pankaj Ghemawat, professor da IESE Business School, o qual realiza pesquisas teóricas e de opinião pública sobre globalização, aponta o vácuo de dados empíricos nas teorias a respeito (2012, p.103) e as confronta, ao longo do livro, com uma grande quantidade deles que as contradizem ou apontam em direção diferente.

São muitos os autores que chamam a atenção para a dose elevada de imaginação, fantasia, futurologia, de tom hipotético, de ideologia, mitos, fabulações, “euforia tecnomercadológica”, fascínio, “mescla entre realidade e fantasia”, exageros,

¹ Trabalho apresentado no GP Geografias da Comunicação, XV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando no Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da PUC-SP, e-mail: jfalencar@yahoo.com.br.

superestimações, “internacionalismo pop”, “mentiras da globalização”³ e “imagens celebratórias”, “clichês enganadores”, lugares comuns em torno do tema (dentre outros: VERGOPOULOS, 2005; GHEMAWAT, 2012; BOXBERGER; KLIMENTA, s/d; BELLO, 2003; MILTON SANTOS, 2000; SODRÉ, In: MORAES (Org.), 2009; KRUGMAN, 1999).

Dentre as metáforas usadas para falar de globalização, a mais forte é “aldeia global”, cunhada por Marshall McLuhan e Bruce Powers (Cf.: *The global Village*, 1989)⁴, a qual, segundo Milton Santos, é uma “fabulação” muito repetida (2000, p. 40). “Aldeia global” é uma espécie de matriz das outras metáforas e das teorias sobre “globalização” e sobre as novas tecnologias da comunicação (TIC). A metáfora realmente é muito citada nas mais diversas áreas do saber e também pelo senso comum. Uma busca simples no Google com essa metáfora em português entre aspas apresenta 212.000 resultados; a mesma expressão em inglês apresenta fabulosos 8.900.000 resultados.

Entre as constantes citações é muito comum que se trate a “aldeia global” como uma realidade dada e indubitável. Entretanto o livro de McLuhan e Power, supracitado, a respeito é ensaístico, não tem pretensões de usar rigores de textos acadêmicos e de exigências de apresentação de dados empíricos. McLuhan recorre aos seus conhecimentos de tecnologias da comunicação, da informática e da telemática e levanta perspectivas e previsões usando também uma boa dose de retórica.

1. O que aldeia global quer dizer

Vinicius Pereira, autor do livro *Estendendo McLuhan – da aldeia à teia global* e considerado um dos principais estudiosos do autor no Brasil, em palestra de abertura do Seminário Internacional 100 anos de McLuhan, na Universidade de Brasília, em novembro de 2011, juntamente com outros autores que compuseram a mesa, questionaram o uso do termo “aldeia global” para descrever a realidade atual (Cf.: UnB Ciência. 10 nov. 2011). Pereira discorda que a aldeia global “já tenha chegado graças à internet” e diz que esta não significa seu advento. “Para entender o conceito de McLuhan é preciso imaginar uma cidadezinha pequena”, afirma ele. “Nela, a principal forma de comunicação é o boato”. “Ele só é compreendido se existe uma experiência comum entre os interlocutores”. Ou seja, se eles se conhecem bem. Ao contrário de McLuhan, Vinicius defende que a internet diminuiu

³ Em seu livro *As dez mentiras da globalização*, o economista Gerald Boxberger e o físico Harald Klimenta (s/d) contra-argumentam de maneira fundamentada as dez ideias-chaves mais correntes sobre globalização, as quais eles classificam como “mentiras”. Foram espécie de “dogmas” da globalização de “mãos dadas” com o neoliberalismo em seu auge e que hoje, embora ainda repetidos, encontram-se questionados ou em decadência.

⁴ O livro foi publicado pelo co-autor após a morte de McLuhan, que se deu em 1980. Entretanto, a metáfora já havia sido utilizada por McLuhan em livros anteriores, publicados em vida.

o número de referências compartilhadas. Ela tem possibilitado a criação de grupos muito distintos, que embora tendo a possibilidade, não necessariamente se interconectam.

Na aldeia local, diferente da chamada “aldeia global”, todos mantêm entre si relações de parentesco, afeto solidariedade, coesão. Na economia mundial predominam relações de negócios e interesses, conflitos, tensões, indiferença, ambiguidades. Nas grandes cidades pouco se sabe do vizinho que mora ao lado e não se sabe tudo que ocorre em todas as partes do mundo, sabe-se algumas coisas de alguns lugares com maior visibilidade. E o que se sabe não é acompanhado do sentimento como se fosse um acontecimento na própria aldeia. Prevalece na maioria dos casos um mero “ficar sabendo” superficial. O grande fluxo de informação atual não cria mais solidariedade, nem mesmo uma compreensão comum (WOLTON, 2006, p.131). De acordo com Milton Santos, o mito da aldeia global quer fazer crer que a difusão instantânea de notícias realmente informa (2000, p. 19). As pessoas têm atualmente mais acesso a informações sobre as mais variadas experiências humanas, sobre países, povos, situações. Entretanto isso não fez implodir o etnocentrismo e as diferenças e termina por reforça-los ao supor a aproximação por meio de semelhanças superficiais e ao distanciar o outro, o diferente, por “exotizá-lo” (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 253-254).

Como dito acima, há na metáfora de McLuhan uma boa dose de retórica. Há quem diga que há também poesia: “como grande parte dos escritos de McLuhan esta afirmação é vasta e poética, com a sua força de convicção tornando-se bastante persuasiva” (SYMES, Benjamin, 28 ago. 1996). Há no livro *Rhetoric, the Polis, and the Global Village*⁵ (SWEARINGEN; KAUFER, 1999), um artigo que analisa o discurso da globalização sob a ótica das estratégias de retórica (*The global village: multiculturalism and the function of sophistic rhetoric*). O autor, Bruce McComiskey, aborda, sobretudo o livro *Global Village* e sua hipótese principal, de que as culturas do mundo, devido às avançadas tecnologias de comunicação e de transporte, estariam se constituindo em uma “unidade”, em uma “progressiva homogeneização”. McComiskey afirma que os discursos sobre a “aldeia global” são “universalizantes, essencialistas, utópicos”; se tornam “inevitáveis e inescapáveis” e se tornam “aspectos inerentes da maioria de nossas mais poderosas instituições econômicas, políticas e culturais” (p. 75-77). Ele se refere, portanto, não apenas à retórica de McLuhan, mas às realizadas a partir dele, nos discursos sobre “globalização”. Segundo ele, esses discursos contêm táticas que são “sofistas por natureza”. O princípio dos sofistas era “fazer a posição mais fraca parecer a mais forte” (p. 77). Uma de suas táticas

⁵ Uma série de artigos sobre retórica que compuseram um ciclo de conferências para comemorar o trigésimo aniversário da Sociedade Americana de Retórica.

retóricas apontadas no texto é a concepção de *kairós*, traduzida por momento propício; a escolha de argumentos adequados para o momento ou situação, o que era uma tática fundamental da retórica sofista (p. 77-78). O final do século XX, com o desenvolvimento e surgimento de novas tecnologias de comunicação e de transporte; com a emergência da hegemonia mundial então de uma única potência econômica, militar e política foi um *kairós* para argumentos e perspectivas sobre a globalização. Alguns argumentos, mesmo sendo fracos e sem lastro empírico, tornaram-se fortes pela força propiciada pelo momento.

McLuhan enfatiza com frequência o fato de os acontecimentos de qualquer parte do mundo terem se tornado “simultâneos” para quaisquer outras partes, mesmo distantes (*Global Village*, p. 14, p. 118, 148). Com isso, ele sugere que, por meio de nossos sentidos “estendidos” nós experimentamos eventos, tão longe quanto o outro lado do mundo, como se estivéssemos lá, no mesmo espaço físico. Por exemplo, assistindo a Guerra do Iraque pela televisão, ou assistindo alguma outra guerra tendo pela televisão uma visão similar à dos pilotos que acertam os alvos, parece que de fato é como estar lá. Mas nós não experimentamos os acontecimentos em torno de nós apenas através de nossos olhos e ouvidos. Há uma grande diferença entre assistir a uma guerra pela TV da sala ou estar lá no país bombardeado; ou mesmo na região desse país. As tecnologias da comunicação permitem a sensação de que os fatos foram trazidos para perto de nós, mas também nos permitem ficar a uma distância física segura; bem como há uma tendência de as pessoas que se comunicam por meio dessas tecnologias o fazerem de maneira que permite ficarem isoladas. (JONES, Nicholas, 6 abr. 2014).

Também não atingimos a perspectiva ou utopia de McLuhan de “incluir toda a humanidade em nós” a partir do “sistema nervoso” expandido pelos meios elétrico-eletrônicos e tendo consciência da “participação nas consequências de todas as nossas ações”, como ele afirma em *Undrestanding media* (1964, p.4, *apud*: SYMES, Benjamin, 28 ago. 1996). Mesmo dentro de um único país ou de uma cidade, há partes, classes, bairros que não incluem ou incorporam os outros; há indiferença; partes que permanecem lá como se não existissem e que são silenciadas; diferente de uma aldeia local. Mesmo que as ações humanas todas tenham consequências sobre nós, apenas uma pequena parcela da humanidade tem consciência disso.

Embora existam de fato as possibilidades e tendências que são percebidas por McLuhan, ele exagera em algumas conclusões. A conclusão de que o “espaço e o tempo foram abolidos” que aparece em *Undrestanding media* (1964, p.3 *apud* SYMES, Benjamin,

28 ago. 1996) e em *Global Village* (1989, p. 83) e na maioria das teorias da globalização, embora haja certa sensação a respeito, também não pode se dar como fato consumado. Para o geógrafo Milton Santos, a contração do espaço e do tempo não passa também de mito que leva em consideração somente “aqueles que realmente podem viajar” e ter acesso aos prodígios da velocidade (SANTOS, 2000, p. 19, 41). E mesmo para estes o espaço, as fronteiras e o tempo não foram abolidos.

Na realidade, as pessoas são muito pouco abertas aos outros, longe do que se imaginou utopicamente. E, como argumenta Ghemawat, as distâncias continuam moldando as emoções e relacionamentos muito mais do que se acredita. Ter informação, mesmo que ampla e sólida, sobre alguma parte do mundo é diferente do contato físico e afetivo. Segundo ele, conforme pensadores atestam há séculos, as pessoas tendem a interagir, confiar e se importar mais com quem está próximo. Quando a distância aumenta a conexão diminui. Isso influi muito no uso de internet, redes sociais, cobertura jornalística e outras formas de comunicação. Influi também em comércio, investimentos internacionais e no envio de forças de paz e filantropia. A confiança bilateral diminui em proporção à distância geográfica, linguística, religiosa, genética e somática, cultural, de diferença de renda e de história e influi, até mesmo na cobertura internacional de desastres e nas redes sociais⁶.

A noção de sensibilidade à distância surgiu no campo da psique humana, mil e quinhentos anos antes de emergir nas ciências físicas, com a lei da gravidade de Newton (GHEMAWAT, 2012, p. 305-317). No campo das humanidades, atribui-se o pioneirismo ao filósofo estoíco grego Hierócles, que viveu por volta no século II d.C.. Ele escreveu sobre os círculos de distância a que estamos ligados e que continuam atuais. Os mesmos vão dos círculos mais próximos, como a família nuclear, até aos mais distantes, que são os habitantes do mesmo país e, por último, toda a espécie humana (Hierócles, fragmento 57G, reproduzido de outros autores por GHEMAWAT, p. 306). Evidentemente há variações e exceções, mas esses círculos existem, mesmo com elas, para qualquer pessoa. Por exemplo, quando se compara a ajuda a cidadãos pobres em um determinado país *versus* o auxílio aos pobres dos outros países. Ghemawat apresenta médias ponderadas de AOD (Ajuda Oficial ao Desenvolvimento) per capita relativas a 14 economias desenvolvidas da OCDE. Os governos nacionais gastam em média 30.000 vezes mais com seus cidadãos pobres do que com cada estrangeiro pobre e as contribuições voluntárias de cidadãos acompanham o mesmo padrão (ibid., p. 309-310).

⁶ Para todas essas afirmações, o autor apresenta uma série de dados empíricos, os quais não cabem aqui, pela dimensão do artigo, assim como não cabem outros dados coletados pela presente pesquisa.

2. Comunicação “desembodied”

Os aspectos da simultaneidade e da abolição do espaço e do tempo levantados por McLuhan têm como pano de fundo algo que aparece fortemente ao longo do livro *Global Village*: a ideia de comunicação “desembodied” ou “discarnate”: “o ‘discarnatism’ flutua nas nuvens abstratas, sem qualquer relação com o chão, ou ambiente” (*Global Village*, 1989, p. 12). Segundo essa concepção de comunicação des-corporada, a comunicação, com o uso das tecnologias pode mover-se na abstração, completamente independente do corpo e do ambiente. Conforme outra passagem, isso possibilita “a capacidade de ser uma consciência presente em muitos lugares de uma vez”; “a comunicação midiática do futuro acentuará as extensões do nosso sistema nervoso, o qual poderá ser ‘desembodied’ e feito totalmente coletivo” (ibid., p. 83). Com a possibilidade da “des-corporação” oferecida pelas tecnologias de comunicação, os usuários perderiam, segundo o autor, laços identificatórios e geográficos e se tornariam uma espécie de “espírito” ou “fantasma” solto desses vínculos (Ibid., p. 97, 118, 124, 148). Entretanto, mesmo com traços de falta de gravidade, o ser humano atual não perde os vínculos com o espaço e o tempo e os vínculos identificatórios, que têm diversos aspectos legados pela história, geografia, biologia, memória coletiva, fantasias pessoais, instituições produtivas e reprodutivas, aparatos de poder e religião (CASTELLS, 1999, p. 23).

Um dos pontos quase sempre presentes nas teorias da “globalização” e das novas tecnologias de comunicação é esse da des-corporação. Mesmo que não tratem explicitamente dessa comunicação “desembodied”, a tem implicitamente. É muito comum nos mais diversos textos sobre globalização, lermos que já não faz mais diferença estar em um lugar ou outro do mundo, ou que importam agora os fluxos de comunicação nas redes, sem levar em consideração a presença das pessoas em lugares diferenciados e sua existência corpórea não abolível. Entretanto, as diferentes territorialidades, as diferenças culturais, as imbricações da corporeidade com a cultura, com os ambientes locais e com a comunicação continuam importando e muito. Harry Pross, teórico de mídia alemão, diz que o corpo é a mídia primordial. Segundo ele, toda comunicação humana começa no corpo e termina no corpo (PROSS, 1971, p. 128). Mesmo que tenhamos um enorme aparato tecnológico de redes que interligam tudo⁷ e que se possa comunicar por meios de avatares e fluxos eletrônicos que circulam por toda parte; mesmo com as mais avançadas tecnologias que

⁷ Embora apenas um terço da população mundial esteja conectada, conforme relatório publicado pela União Internacional de Telecomunicações, o qual será abordado adiante.

houver, o corpo está presente nos pontos e nós das redes e essa presença marca a comunicação de qualquer maneira em todos os seus aspectos. Ninguém é uma abstração vagando no espaço aleatoriamente, indiferente ao local onde está imerso. O corpo é parte inseparável do processo de articulação do sujeito e das diferenças. Não existe corpo neutro, os corpos trazem as marcas dos lugares, da história, das construções de sentido, dos processos de dominação, da hierarquização econômica das sociedades (Costa, Sérgio, in: VIEIRA, 2009, p. 59-60). Nas pontas das redes há pessoas, sociedades, culturas, línguas, civilizações e não apenas computadores. Há a espessura da história e da geografia, diferente de um lugar ao outro (WOLTON, 2006, p. 85-86).

A teoria corpomídia, de Helena Katz e Christine Greiner (2005), tem captado e estudado as implicações do corpo na comunicação. Indo na direção inversa da descorporação, elas tratam da comunicação “embodied”, corporificada. O corpo tão esquecido em função do deslumbramento com as tecnologias, segundo elas, está sempre presente como elemento importante nos processos de comunicação. Todo o corpo participa desses processos e não apenas a mente, muitas vezes considerada como uma parte separada do corpo, que apenas seria seu portador. O corpo não é um lugar onde as informações que vêm do mundo simplesmente passam ou são processadas para serem devolvidas ao mundo. Toda informação que chega entra em negociação com as que já estão. O corpo faz esse cruzamento e não simplesmente recebe e abriga informações. Em tese o dualismo cartesiano entre *rex cogitans* (realidade psíquica/pensamento) e *rex extensa* (realidade física/ corpo, natureza, ambiente) e o dualismo platônico entre corpo e alma foram superados, mas eles estão implícitos nas compreensões de comunicação “disembodied” e de globalização que consideram indiferenciado o corpo ter origem e estar imerso em um determinado local ou em outro, como se isso não marcasse cada célula corporal e seus processos cognitivos, culturais e comunicativos.

3. Determinismo tecnológico

Os dualismos mencionados e a reduzida consideração em relação ao corpo e à natureza se relacionam a um ponto bastante criticado das teorias de McLuhan, o determinismo tecnológico, que também não é apenas dele, mas comumente presente nas teorias da “globalização” e das novas tecnologias da comunicação. Os críticos de McLuhan, segundo Vinícius Andrade (PEREIRA, 2011, p. 181-191), “interpretam” que o pensador canadense “pensaria a evolução das culturas como decorrentes de uma afetação direta dos modelos de

tecnologias que emergem, fazendo com que sua compreensão ficasse reduzida a uma lógica causal, linear e sequencial, na qual a tecnologia, exclusivamente determinasse o humano”, evitando-se outras variáveis sociais, políticas, históricas e econômicas em análises sobre as mídias, o que revelaria crença em uma essência humana ideal (Ibid., p. 182).

Dentre os críticos de McLuhan a esse respeito, um dos mais célebres e ferrenhos foi Raymond Williams. Os pontos principais de sua crítica dizem respeito exatamente à determinação e à exclusão de outras variantes nos processos sociais que não os tecnológicos. No conceito de determinação de Williams (1979, p. 87-92) fica claro que de fato as tecnologias têm força de determinação enquanto exercem pressões e as favorecem; estabelecem limites, influenciam comportamentos e modos de ser. Mas essa determinação não é um determinismo no qual se possa definir tudo exata e linearmente como imaginado e planejado. A determinação é um processo social real, mas nunca (como em algumas versões teológicas e algumas versões marxistas) como um conjunto de causas plenamente controláveis e previsíveis (Williams, 1974, p. 130, apud PEREIRA, 2011, p. 183). Williams defende que “McLuhan isolou por completo uma ideia de humano e de meio abstraídos de um contexto sócio-histórico, como se a mídia pudesse operar e produzir seus efeitos nesse humano idealizado, de forma exclusiva” (PEREIRA, 2011, p. 183-184). As críticas incluem também a “mítica imagem de McLuhan como profeta, capaz de realizar importantes previsões no âmbito da cultura midiática” (Ibid., p.183).

Williams reivindica que toda forma de determinação histórica seja tomada como um processo de alta complexidade, no qual cada variável participe contribuiria para o esclarecimento, mas nunca deveria ganhar o status cristalizado de hegemônica, uma vez que as dinâmicas da própria história são capazes de reverter por completo a suposta predominância de variáveis em questão (Ibid., p.184). A cultura, segundo ele, está enraizada em uma trama socioideológico-política, mas ao mesmo tempo a transforma. Segundo Stuart Hall, Williams oferece, em lugar do determinismo, “um interacionismo radical: a interação mútua de todas as práticas contornando o problema da determinação” (HALL, 2011, p. 129).

Os processos chamados de “globalização”; a difusão de novas tecnologias cada vez mais avançadas e os processos de modernização desenvolvem-se pelo mundo nessa condição de múltiplas variantes e alta complexidade. Acontecem desenvolvimentos desiguais e, mesmo contraditórios. As tecnologias e as forças globalizantes, ao encontrarem outras formas de vida e serem apropriadas por elas, constituem diversidades emergentes⁸

⁸ Os conceitos de “residual e emergente” foram desenvolvidos por Raymond Williams (Cf.: WILLIAMS, 2011b, p. 51-59).

que somam-se a aspectos residuais das culturas tradicionais. Tanto podem reavivar-se formas locais, tribais, nacionais ou regionais como podem ocorrer desenvolvimentos inesperados, formas de capitalismo diferenciados e outras racionalidades e fragmentações.

4. Outros pontos importantes da concepção de aldeia global que não confirmados

Além dos já citados, diversos outros pontos importantes da teoria de McLuhan sobre a aldeia global diferem profundamente da realidade atual e mostram como as previsões e as variantes do mundo fogem ao controle e ao determinismo tecnológico. Por exemplo, McLuhan previa que com o desenvolvimento das novas tecnologias de comunicação e a intensificação de seu uso, tanto nas cidades em relação aos bairros (*Global Village*, 1989, p.87), como no mundo em relação aos países (Ibid., p. 118), “os centros estariam em todos os lugares e as margens em nenhum lugar”. Ou seja, não teríamos mais margens. É ocioso argumentar que isso não aconteceu e que a realidade está caminhando em outra direção. Continua havendo centros e periferias e, inclusive, as novas tecnologias têm aumentado o fosso de desigualdade no mundo (VERGOPOULOS, 2005, 144; TRIVINHO, 2007). Até mesmo para as empresas maiores e mais avançadas de tecnologia da comunicação continua havendo centros e periferias e centralização em função da presença física, geográfica.

McLuhan também previa no conjunto do pensamento sobre a aldeia global que os nacionalismos deixariam de existir (*Global Village*, p. 118), mas eles continuam fortes e estão até mesmo aumentando (Cf. p. ex.: GHEMAWAT, 2012, p. 214, VERGOPOULOS, 2005; BELLO, 2003; CASTELLS, 1999). O autor previa também que a “densa sinfonia eletrônica” faria com que as nações, “se elas ainda existirem como entidades separadas, poderiam, em uma arrebatadora e espontânea sinestesia, tornarem-se dolorosamente conscientes dos triunfos e feridas uns dos outros”. O novo homem tecnológico correria para a “totalidade e a inclusividade”; passaria a existir um governo mundial; a guerra das propagandas via satélite na disputa por corações e mentes, ou “a guerra de ícones” substituiria a guerra com bombas. (*Global Village*, p. 94- 95). As aldeias locais (lugarejos do interior), mais ou menos, têm algumas dessas características, mas quanto ao globo, países, grandes cidades, se está muito longe da visão utópica e otimista de McLuhan. Geralmente quem afirma que a aldeia global de McLuhan já chegou ignora solenemente todo esse conteúdo por trás da metáfora.

Com a perspectiva do “envolvimento de todos com todos”, McLuhan previa também o fim de milhares de anos de fragmentação dos seres humanos, numa era de comunicação em

que “todos os indivíduos, seus desejos e satisfações, estão co-presentes” (Ibid., p. 94). Os circuitos elétricos teriam reconstituído o diálogo em uma escala global, acabando com o paroquialismo psíquico, social, econômico, político, com os velhos agrupamentos cívicos, estatais e nacionais que estariam se tornando “impraticáveis” (Mcluhan e Fiore, *apud* PEREIRA, 2001, p. 151). Os muros todos caíam (Mcluhan, *apud* PEREIRA, 2011, p. 153). As variantes da humanidade, de sua história e cultura fugiram da previsão também quanto a isso. Como é explorado por diversos autores e já é de domínio público, as fragmentações não só continuam, mas aumentaram e os individualismos aumentaram exponencialmente. (Cf. p. ex.: Harvey, In: MORAES (Org). 2009, p.363). Embora tenha havido um aumento na consciência de planeta e de cultura cosmopolita e uma tendência de abertura e superação das divisões nacionais, os agrupamentos cívicos e nacionais e os separatismo continuam existindo, em diversos pontos do mundo tendendo a se reforçar, como reação às tendências de abertura. Mesmo em países consolidados há muito tempo, ganharam forças movimentos separatistas, como é o caso da Catalúnia e do país Basco na Espanha e da Escócia em relação ao Reino Unido, por exemplo. Em geral, os países que mais propalaram o discurso do fim das fronteiras e nacionalidades são os que mais defendem as próprias. Caiu o muro de Berlim, mas levantaram-se outros de grande significado como o que existe entre os EUA e a América Latina; entre Índia e Bangladesh; Israel e Palestina; barreiras para dificultar a entrada de africanos no sul da Europa; muros ou outras formas de barreiras e de separação entre classes sociais no interior mesmo dos países e cidades. David Harvey defende que não existem apenas os excessos e a competição dos interesses, das ambições, dos poderes, das explorações, que de resto favorecem a condição atual do mundo; não apenas as fúrias fanáticas que exacerbam os entechos culturais. Há também o fato de que tanto os individualismos ocidentais quanto os comunitarismos por toda parte se amplificam conjuntamente em todo o planeta e favorecem o mal primordial da incompreensão humana (Harvey, In: MORAES (Org). 2009, p. 363-364).

Paradoxalmente, um dos países mais insulares no mundo de hoje, conforme dados e argumentos eloquentes de Jan Pieterse é os EUA, país de alta tecnologia, com população com elevada taxa de conexão, sede das principais empresas de novas tecnologias da comunicação e centro dos processos globalizantes. Em seu livro *O fim do império americano? – os Estados Unidos depois da crise*, um dos temas principais é a “bolha americana” (PIETERSE, 2009, p. 21-62), que consiste no isolamento do país no que tange à economia; à compreensão de mundo; à geografia; aos mitos nacionais; às “narrativas de

identidade”; às perspectivas; à mídia; à postura em relação aos outros países, povos e culturas; à maneira de compreender o país; ao “nacionalismo exacerbado”. Um dos argumentos mais eloquentes do autor é o fato de seus alunos estadunidenses de graduação, embora tenham “mente aberta”, ao mesmo tempo, segundo ele, “são ignorantes sobre o mundo fora dos Estados Unidos”. Querem expressar suas opiniões e valores, mas por terem “noções pífias da história e geografia de outros países, seus valores e opiniões não passam de generalidades abstratas, com pouca correspondência na realidade” (Ibid., p. 61). Ele cita também seus alunos alemães, que dominam teorias complexas como as de Hegel, mas tendem a ser ignorantes em termos de conhecimento empírico do mundo fora da Europa.

Ao lado do fim da fragmentação, McLuhan, contraditoriamente antevia no mesmo livro a maior distribuição horizontal, fragmentada e diversificada das mídias, saindo das mãos dos anglo-saxões para uma maior distribuição pelas diversidades étnicas, tornando-se uma forma “de contracorrente, embotando os efeitos disruptivos da diversidade étnica” (*Global Village*, p.88). Ele afirma que as mídias tenderiam para a diversidade e à fragmentação de modo jamais visto (Ibid., p.128) e que as resistências seriam facilitadas por isso. Segundo ele também, os registros mantidos por proprietários de sistemas a cabo, iriam sem dúvida, ser usados para construir perfis dos hábitos de consumidores e de suas opiniões (Ibid., p. 88). Quanto a ambos os pontos McLuhan acertou, as tendências se verificam atualmente de maneira intensa, tanto nas possibilidades de resistência cultural com uso dos próprios meios, sobretudo a internet, ou por sua maior segmentação por preferências, regiões, etnias, tanto pela criação de perfis de consumidores e de opiniões pelos registros de seus hábitos de mídias para uso pelo mercado. Este tende a apropriar-se das diferenças de perfis para melhor conviver e lucrar a partir delas. Entretanto, embora McLuhan acerte nessas duas perspectivas, elas são contraditórias em relação às suas teses e às teses em geral da “globalização”, com as previsões de homogeneização, de fim de “identidades” e nações. Por isso, entre os críticos de McLuhan, há os que afirmam que ele “ignora as contradições de sua teoria”, como o sociólogo Tom Nairn (*apud* JONES, Nicholas, 6 abr. 2014).

As diferenças culturais não são resolvidas no consumo, como se pensa nas teorias da globalização. Imaginar a uniformidade da cultura a partir de alguns artefatos que as pessoas possam usar ou adquirir ou a partir de alguns de seus aspectos, como vestuário, esporte e lazer é olhar apenas algumas evidências externas; a cultura é bem mais que isso (WILLIAMS, 2011, p. 347-349; WOLTON, 2006, p.187). A uniformidade crescente de arranha céus nas cidades em todo o mundo mascara o crescimento das escolhas dentro delas,

às quais até a mais internacional das empresas deve ajustar-se (Dreifuss, In: MORAES [Org.], 2009, p. 125). Segundo Martín-Barbero (In: GARRETÓN, 2002, p. 296-315), a expansão internacional do mercado, que é a força mais propalada da chamada “globalização” não sedimenta tradições; “tudo o que produz desmancha-se no ar”, dada sua tendência para a obsolescência generalizada não só das coisas, mas das formas e instituições, e não cria vínculos societários entre sujeitos, pois estes se constituem em processos de comunicação de sentido e o mercado opera anonimamente mediante lógicas de valor puramente formais, funcionais, associações e promessas evanescentes, visando rentabilidades e não solidariedades e consideração das diferenças.

David Harvey também fala da modernidade como “caracterizada por um processo sem fim de rupturas e fragmentações no seu próprio interior” (*apud* HALL, 2011, p. 17). As “sociedades modernas”, diferente do que muitos sociólogos pensaram, não é um todo unificado e bem delimitado, “produzindo através de mudanças evolucionárias a partir de si mesma, como o desenvolvimento de uma flor a partir de seu bulbo. Ela está constantemente sendo ‘descentrada’ ou deslocada por forças fora de si mesma” (*idem*). Mesmo os chamados “bens culturais” (cinema, audiovisual, música, imprensa, revistas) que compõem a indústria cultural, além de estarem se segmentando, não são se confundem com a cultura no seu todo, como “modo de vida”⁹. As visões midiático-reducionistas de cultura desconsideram e descartam tudo o que não entra na zona de captação dessas mídias e que constituem a “substância” das culturas do mundo. Segundo Jean-Pierre Warnier (2003, p. 165), coloca-se assim mentalmente fora do jogo, segundo ele, “nove décimos da humanidade cuja vida do nascimento até a morte têm referências diferentes”.

No auge da crença na “globalização”, pensava-se que a difusão das técnicas e da informação iriam reduzir o peso e o lugar da diversidade cultural e social, em proveito de um mínimo de racionalidade informacional; entretanto, é ao inverso disto que assistimos. A abertura se constitui em acelerador de diferenciações. Como dito acima, eles mudam de forma, mas não na força. Os processos identificatórios diferentes aparecem nas pontas das redes. A visão caricatural de comunicação como somatório de estratégias de marketing, geridas por pequenas elites, que passam por cima e achatam a interculturalidade e aparentemente saem vitoriosas, insolentes, arrogantes, segundo Dominique Wolton, esbarram, por vezes a alto custo, nas diferenças culturais, resistências identificatórias, pluralismo de ideologias; de crenças, de modos de viver e se vê desestabilizada pela própria

⁹ O conceito de cultura como modo de vida encontra-se em Williams, 2011.

abertura da sociedade e pela necessidade de gerir cada vez mais realidades contraditórias. Além dos processos identificatórios ligados a regiões, nações e culturas, vão se somando outros, como novos comunitarismos, grupos, preferências, “tribos”. Para ele, essas estratégias e essa concepção de comunicação, aparentemente fortes são na realidade frágeis, porque focadas apenas no tecnicismo, na transmissão de informações e não propriamente na comunicação como troca (2006, p. 120-122, 136, 150). Se a comunicação é vista como anulação das diferenças é questionável se ela de fato é comunicação. Ele questiona se, caso hipoteticamente se alcance a total padronização, haverá necessidade e interesse de se comunicar (Ibid., p., 137;140). Ao longo de toda a história e não apenas agora, a circulação de pessoas, de animais, de plantas, de técnicas, de religiões, de símbolos “é de tal modo intensa que, a longo prazo, se torna difícil separar ‘elementos’ ou as ‘influências’ em estado puro”, definir o que é adoção do exterior, o que é adaptação ou invenção própria e isso não criou uniformidade (LAPLATINE; NOUSS, s/d, p. 20; PINHEIRO, 93-97).

Conclusão

A realidade humana, cultural, econômica, política e natural do mundo é complexa, não-linear e não totalmente previsível em todas as suas vertentes e variantes; tem uma incrível capacidade de surpreender. Todas as práticas sociais se entrelaçam e existem continuidades, descontinuidades, correspondências, criações e transformações inesperadas (HALL, 2011, p. 149). Como afirma, Edgar Morin, o pensamento ocidental, em suas tendências racionalistas, tende a simplificar os fenômenos, selecionando os elementos de ordem e de certeza e rechaçando os elementos de complexidade, desordem para clarificar distinguir e hierarquizar. A pretensão do “projeto” da “globalização” quanto à convergência mundial para um modelo único, sem antagonismos, diferenciações, rupturas, é uma pretensão de querer reduzir a nada a complexidade do mundo, uma empreitada desmesurada, impossível de se realizar, pois os elementos da realidade mundial não são passíveis de serem assim redutíveis, assimiláveis, congeláveis (VERGOPOULOS, 2005, p. 231). Ainda que haja tendências internacionalizantes acontecendo simultaneamente pelo mundo há muito tempo, elas também produzem desenvolvimentos desiguais, desencontrados, contraditórios e, no mesmo curso da integração e da homogeneização acontecem fragmentações. Também no que diz respeito a “arte, música, literatura, pensamento, a mundialização cultural não é homogeneizante”, mas as culturas entrefecundam-se. Uma sociedade, mesmo abarcando no

seu seio múltiplas culturas, gera também uma cultura própria (Morin, In: MORAES (Org.), 2009, p. 351-353).

Mesmo com todas as tecnologias de comunicação que surgiram, o mundo e sua complexidade e diversidade, suas distâncias, que não foram extintas, continua diferindo muito da simplicidade de uma aldeia (SANTOS, 2000, p. 19). A metáfora deixa de lado toda a heterogeneidade da cultura, da geografia, dos conflitos e confrontos políticos e econômicos, dos processos comunicacionais que não são lineares, enfim um emaranhado inextricável, da desordem, da ambiguidade, da incerteza e o transforma em um pacato lugarejo do interior onde tudo possa ser determinado, previsto, controlado, onde todos se conheçam e convivam em comunhão, onde todas as diferenças sejam supressas. Se Benedict Anderson definiu as nações como “comunidades imaginadas” porque até os membros da menor nação do mundo jamais conhecerão a maioria dos seus compatriotas, não os verão nem sequer ouvirão falar deles (em *Comunidades Imaginadas*, 1997), é ainda mais pertinente conceber a “globalização” como imaginada (CANCLINI, 2006, p. 60, 73).

REFERÊNCIAS

- BELLO, Walden. **Desglobalização: ideias para uma nova economia mundial**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- BOXBERGER, Gerald; KLIMENTA, Harald. **As dez mentiras da globalização: alternativas para combater o mercado todo poderoso**. São Paulo: Aquariana, s/d.
- CANCLINI, Néstor Garcia. **A globalização imaginada**. São Paulo: Iluminuras, 2010.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- GARRETÓN, Manuel Antonio (Org.). **America Latina: un espacio cultural en el mundo globalizado**. Bogotá: Convenio Andrés Bello, 2002.
- GHEMAWAT, Pankaj. **Mundo 3.0**. Porto Alegre: Bookman, 2012.
- HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2011.
- IANNI, Octavio. **Teorias da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.
- JONES, Nicholas. Marshall McLuhan's Global Village and its relevance in today's society Nicholas Jones. **StudyMode**. In: <http://www.studymode.com/essays/Global-Village-50143827.html>>. Publicado em: 6 abr. 2014.
- KATZ, Helena; GREINER, Christine. Por uma teoria do corpo mídia. In: GREINER, Christine (Org.). **O corpo: pistas para estudos interdisciplinares**. São Paulo: Annablume, 2005. p. 125-133.
- KRUGMAN, Paul. **Internacionalismo pop**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- LAPLATINE, François; NOUSS, Alexis. **A mestiçagem**. Lisboa: Instituto Piaget, s/d.

- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.
- MCLUHAN, Marshall; POWERS, Bruce. **The global village**. Oxford: Oxford University Press, 1989.
- MORAES, Denis (Org.). **Por uma outra comunicação: mídia, mundialização, cultura e poder**. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2005.
- PEREIRA, Vinicius. **Estendendo McLuhan: da aldeia à teia global**. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- PIETERSE, Jan Nederveen. **O fim do império americano?: os Estados Unidos depois da crise**. São Paulo: geração, 2009.
- PINHEIRO, Amálio (Org.). **América Latina: barroco, cidade, jornal**. São Paulo: Intermeios, 2013.
- PROSS, Harry. **Medienforschung**. Darmstadt: Carl Habel, 1971.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- SYMES, Benjamin, 28 ago. 1996. **Marshall McLuhan's 'Global Village**. In: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:a5uE0F8cE90J:www.geoffbarton.co.uk/files/student-resources/Communication/Technology/Marshall%2520McLuhan%2520In%2520Detail.doc+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em 28 nov. 2013.
- SWEARINGEN, C. Jan; KAUFER, David S. **Rhetoric, the Polis, and the Global Village**. Mahwah: Taylor & Francis, 1999.
- TRIVINHO, Eugênio. **A dromocracia cibercultural: lógica da vida humana na civilização mediática avançada**. São Paulo: Paulus, 2007.
- UNB CIÊNCIA, 10 nov. 2011. **A internet não é a aldeia global de McLuhan, dizem especialistas**. In: <http://www.unbciencia.unb.br/index.php?option=com_content&view=article&id=350:especialistas-discutem-o-conceito-de-aldeia-global&catid=22:comunicacao>. Acesso em: 8 dez. 2013.
- VERGOPOULOS, Kostas. **Globalização: o fim de um ciclo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.
- VIEIRA, Liszt (org.). **Identidade e globalização: impasses e perspectivas da identidade e a diversidade cultural**. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- WARNIER, Jean-Pierre. **A mundialização da cultura**. Bauru: Edusc, 2003.
- WILLIAMS, R. **Cultura e sociedade**. Petrópolis: Vozes, 2011
- _____. **Marxismo e cultura**. São Paulo: Unesp, 2011b
- _____. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- WOLTON, Dominique. **É preciso salvar a comunicação**. São Paulo: Paulus, 2006.